

Hierarquia católica e religiões mediúnicas no Brasil da primeira metade do século XX*

Artur César Isaia
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Nosso objetivo nesse artigo é estudar o discurso produzido pelo catolicismo brasileiro pré-conciliar sobre a proliferação das chamadas "religiões mediúnicas". Acompanhando-se o discurso católico da primeira metade do século XX, podemos vislumbrar uma clara transformação na construção argumentativa. Assim, se no começo do século a ênfase do discurso centrava-se na tradição da Igreja, nas Sagradas Escrituras, no catecismo, no magistério papal, à medida em que chegamos às décadas de 40 e 50 esse posicionamento muda. Em meados do século XX, para enfrentar os dilemas de uma sociedade

Abstract

Our objective in this article is to study the discourse produced by the Brazilian Catholicism before the council about the proliferation of the called "Mediumistic Religions". Following the catholic discourse of the first half of the 20th century, we can glimpse an evident transformation in the argumentative construction. Thus, if at the beginning of the century the emphasis of the discourse was centered in the tradition of the Catholic Church, in the Sacred Deeds, in the catechism, in the papal teaching, as the 20th century advances, this posture changes. In the middle of the 20th century, to

* Catholic hierarchy and mediumistic religions in Brazil in the first half of the 20th century.

cada vez menos cristianizada, a Igreja passa a recorrer a saberes legitimantes na nova ordenação social. Entre esses adquirem visibilidade o saber jurídico e o médico-psiquiátrico.

face the dilemmas of a society less and less Christianized, the Catholic Church intensified the appealing to the legitimating knowledge in the new social ordering. Among these, the juridical and the doctor-psychiatric knowledge acquire visibility.

Palavras-chave: discurso, catolicismo, religiões mediúnicas.

Keywords: discourse, catholicism, mediumistic religions.

Em 1957, o Papa Pio XII dirigia-se aos militantes brasileiros da Ação Católica enumerando os principais perigos enfrentados pelo catolicismo na América Latina. Os quatro elementos deletérios para a religião católica eram detectados no comunismo, protestantismo, maçonaria e espiritismo¹. O posicionamento de Pio XII, ao lado de ratificar a postura tradicionalmente defensiva da hierarquia frente ao mundo moderno e a “perigos” que somente poderiam ser enfrentados com o reforço da autoridade, do magistério eclesiástico, evidenciava o lugar destacado que o espiritismo lograra como “heresia” condenável pelo catolicismo. Se bem que a condenação do magistério eclesiástico seja bem anterior à mensagem de Pio XII, será em meados do século XX que as chamadas religiões mediúnicas² ganhariam visibilidade no Brasil, aumentando, consideravelmente, a frequência com que são atacadas pelo discurso da hierarquia.

As fontes católicas referentes às religiões mediúnicas no Brasil apresentaram diferenças muito importantes. Nessas diferenças, não apenas a questão temporal é definidora, mas também as características individuais dos produtores das mesmas. Assim, em linhas gerais, podemos analisar essas fontes tendo como critério:

1 - As conjunturas em que são produzidas (vale dizer a inserção dessas fontes em momentos mais próximos ou mais distantes de situação de “mercado” religioso).

¹ PIO XII. *Normas aos participantes do II Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos*. Revista Eclesiástica Brasileira. v. 17, n. 4, p. 1060, dez. 1957.

² Usaremos a expressão com referência àquelas religiões que, admitindo a existência de uma dimensão ou plano diferente do carnal, recorrer a um elemento de ligação (o médium) entre ambos.

2 - As peculiaridades de quem as produz (em relação a fontes pertinentes à Igreja Católica, enfoca-se, sobretudo, diferentes formações e enfoques pastorais, vale dizer: propostas diversas de atuação, de estratégias e de inserção do catolicismo na sociedade).

No final do século XIX e inícios do XX, em geral, as fontes que *trabalhamos revelam uma hierarquia extremamente voltada para o magistério católico*, para o reforço da autoridade eclesiástica, como meio de coibir a proliferação, não só das religiões mediúnicas, mas também do protestantismo. O discurso tem uma perspectiva catequética, apologética, com referência, sobretudo, nas Sagradas Escrituras, nos documentos papais, nas cartas pastorais, etc. Evidencia-se nesse discurso a dificuldade com que o catolicismo dialogava com outros saberes, isto é, com outras agências produtoras de significados sociais. Nessa linha argumentativa situa-se a Pastoral de 1916 de Dom Sebastião Leme, ao assumir a arquidiocese de Olinda e Recife. Nesse documento, o arcebispo faz um diagnóstico da formação espiritual do povo brasileiro, constatando a “ignorância religiosa”, sobretudo, nas “camadas populares”. Embora constate uma propensão “inata” do brasileiro para o sagrado, pensa que o povo canaliza mal a sua sede do sobrenatural. Sintoma da “estólida credence” que grassava entre o povo brasileiro era, para Dom Leme, toda uma familiaridade popular com o mundo dos espíritos:

“Superstições! (...) Embora condenadas pelo bom senso e pela igreja, por tal forma se enraizaram na imaginação do povo, que só a instrução religiosa, ministrada com método, conseguirá extirpá-las. Infelizmente, para mais firmá-las, vieram as abomináveis práticas do Espiritismo. Sessões espíriticas, recados de além-túmulo, médiuns, passes, mesas rodantes, tenebrosas farmácias, duvidosas receitas e toda uma série infinda de escamoteações ou artimanhas...”³

Se a invocação aos mortos nutria-se para Dom Leme de um caldo de cultura marcado pela ignorância religiosa, a profilaxia básica era vista no ensino da catequese, com a disseminação das “verdades” católicas.

³ LEME, Dom Sebastião. *Carta pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1916. p. 47.

A constatação por parte de hierarquia, da disseminação das práticas de invocação aos mortos na cotidianidade brasileira é visível desde o final do século XIX, armando-se o clero para um combate que reputava renhido, dramático, fiel a concepção de Pio IX, para quem o Espiritismo aparecia como o mais terrível inimigo que jamais enfrentou a Igreja⁴. Esse inimigo mostrava-se particularmente perigoso em um contexto como o nosso, onde as manifestações mediúnicas pareciam ter encontrado o cenário ideal. Em todas essas fontes o Espiritismo é representado como integrante de construção do outro, o lugar da demonização é recorrente, aparecendo a invocação aos mortos como verdadeira forma de dar voz às hostes satânicas. Contudo, é mister nuançar essa presença do demônio no discurso da hierarquia católica em relação ao Espiritismo. Se ela aparece de forma saliente em inúmeras fontes em todo o período estudado, é, sobretudo, no material empírico mais distante dos meados do século XX, que a demonização direta é recorrente. No período mais recente, recorre-se à intervenção demoníaca direta como explicação para os fenômenos do Espiritismo e do Umbanda de maneira bem mais parcimoniosa. Nas fontes desse período mantém-se a demonização do Espiritismo e Umbanda, mas o demônio passa a aparecer mais como “autor moral” dos fenômenos mediúnicos do que presença direta nos mesmos.

As manifestações mediúnicas como artes demoníacas são vistas intrinsecamente unidas ao mal ancestral. Nesse sentido é interessante a recorrência do Padre Vicente Zioni ao “*Traité des Démons*”, do Padre Dehaut. Na narração bíblica do pecado original, a serpente, que empresta seu corpo ao demônio para levar o primeiro casal a desagradar a Deus, é vista como o “primeiro médium”. Ou seja, o diálogo entre a serpente e Eva é visto como a primeira manifestação mediúnica, onde a intervenção demoníaca foi direta e tal como, segundo essa ótica, é passível de acontecer no Espiritismo e no Umbanda:

“Servindo-se da serpente apareceu visivelmente aos nossos primeiros pais, mudando assim com o pecado o curso da história da humanidade. A serpente...foi o primeiro médium que existiu no

⁴ ZIONI, Padre Vicente. *O problema espírita no Brasil*. São Paulo: Publicações Verba Salutis, 1942, p. 47

mundo (...) Não se pode negar, pois, a intervenção real e mesmo visível dos maus espíritos neste mundo e sobretudo nas sessões espíritas que por seus processos, ritos e resultados evidenciam bastante o dedo de Satanás.”⁵

Já em 1889, Dom Silvério Gomes Pimenta, da diocese de Mariana, advertia com notável riqueza imagética contra :

“...duas calamidades piores mil vezes que a seca e a fome. Falo do protestantismo e do espiritismo, ambos filhos de Satanás, o qual se esforça a todo poder por inoculá-los nesta diocese.”⁶

A disseminação das práticas de invocação aos espíritos no Brasil leva os bispos a dispensarem uma atenção especial ao assunto na Pastoral Coletiva de 1915. Nesse documento o Espiritismo é visto como a síntese de todos os erros humanos, como prova maior da presença do mal na história:

“O espiritismo é o conjunto de todas as superstições e astúcias da incredulidade moderna, que, negando a eternidade das penas do inferno, o sacerdócio católico e os direitos da Igreja Católica, destrói todo o cristianismo”

Esse documento, traz a marca de um tempo em que ainda os ensinamentos católicos tinham condições de serem impostos como normas sociais, em que os inimigos da Igreja podiam ser tratados como inimigos de uma sociedade ainda dócil ao seu magistério e distante de uma situação pluralista. Sendo assim, a Pastoral Coletiva recomendava que os adeptos da invocação dos espíritos fossem tratados com o rigor dos cânones eclesiásticos, explicitando-se seus “erros”:

“Os espíritas devem ser tratados, tanto no foro interno como no externo, como verdadeiros here-

⁵ ZIONI, op. cit. p. 29-30.

⁶ PIMENTA, Monsenhor Dom Silvério Gomes. *Carta Pastoral*. [s.n.t.] p. 2.

ges e fatores de heresias, e não podem ser admitidos à recepção dos sacramentos, sem que antes reparem os escândalos dados, abjurem o espiritismo e façam a profissão de fé.”

As palavras acima são quase transcrição das determinações do Concílio Plenário da América Latina, reunido em Roma, em 1899. Esse documento ratificava o antigo horror de Pio IX ao Espiritismo, tratando-o como “a mais louca das superstições do século”.⁸ Nas Atas e Decretos do Concílio, os espíritas não são considerados simples pecadores e sim herejes. Como tais, seus erros não eram passíveis de simples absolvição, mas deveriam ser punidos exemplarmente segundo o direito canônico. Aqueles que invocassem os espíritos deveriam ser sumariamente denunciados ao bispo, a fim de que a punição prescrita no direito eclesiástico fosse cumprida. Não importava que as leis do Estado amparassem, segundo o princípio da igualdade de credos, a profissão de fé espírita. Os espíritas, assim como os adeptos das sociedades secretas condenadas pela Igreja, deveriam ser denunciados à autoridade eclesiástica, a fim de que não corrompessem, com sua presença insinuada, a fé dos fiéis. Como herejes, os espíritas deveriam ser assim tratados:

1 - Incorreriam em pena de excomunhão (pena essa cuja absolvição estava reservada especialmente ao Papa);

2 - Não poderiam ser admitidos como padrinhos de batismo ou crisma;

3 - Não poderiam receber nenhum sacramento sem previamente abjurar o Espiritismo;

4 - Não teriam direito à missa de sufrágio nem a qualquer outro officio fúnebre;

5 - Ficariam privados da sepultura eclesiástica.⁹

Essa Igreja que representava o mundo moderno como o domínio do erro, que reiterava constantemente os planos conspiratórios do modernismo contra a sua autoridade, via no Espiritismo a prova cabal da atuação satânica contra o corpo místico de Cristo. Dom José Hermeto

⁸ CONSTITUIÇÕES ECLESIÁSTICAS DO BRASIL. *Nova edição da Pastoral Coletiva de 1915*. s.n.t., p. 38.

⁸ EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Actas y decretos del Concilio Plenário de la América Latina*. Roma

⁹ Ver a respeito TADDEI, D. Fernando. *O Moderno Espiritismo perante os fatos, a razão e a fé*. Curitiba: Tipografia João Haupt & Cia., 1931, p. 54-55.

Pinheiro, bispo de Uruguaiana, assim escrevia em 1917, sobre o papel do Espiritismo no quadro descristianizador do século:

“Nunca tiveram tão apuradas as armas de combate à fé cristã como nos dias atuais, nem foram elas jamais tão numerosas. Desde a tribuna livre-pensadora, desde a folha indecorosa as representações teatrais e as cenas cinematográficas imundas e as modas desafiantes do pudor, até as confabulações diabólicas operadas nas sessões espíricas, tudo investe contra a fé. Os elementos mais disparatados se dão as mãos como Herodes e Pilatos numa conspiração geral contra a fé católica.”¹⁰

Esse inimigo precisava ser neutralizado, desmoralizado, execrado, a fim de que o seu contágio pestilento não atingisse aos fiéis. O imaginário católico reiterava a oposição antitética entre as seduções modernistas, entre as quais sobressaía o Espiritismo e a perene verdade custodiada pela Igreja. A dramaticidade com que o discurso católico retroalimentava esse imaginário transparece nas expressões usadas com referência ao Espiritismo. Em Dom José Hermeto Pinheiro este aparece como: contagioso, mortífero, contubérnio de superstição e blasfêmia, conventículo indecente¹¹. Em Dom Silvério Gomes Pimenta os espíritos são tratados como: filhos de satanás e procuradores do demônio¹². Já em Dom Alberto José Gonçalves a imagem do Espiritismo é a de: inimigo que ameaça devorar as ovelhas do Senhor; de alimento prejudicial, erva daninha.¹³ Em Dom Antônio Mazarotto a invocação aos espíritos é pintada como: funesta superstição, negra magia, serpente infernal, armadilha do demônio.¹⁴ Essas são apenas algumas evidências empíricas da construção desse outro perverso, imoral, destruidor, anômico a quem se contrapunha à luz, a salvação, a ordem, a verdade. Sintoma maior dessa Igreja que encarava o mundo moderno como povoado pelo mal

¹⁰PINHEIRO, Dom Hermeto José. *Carta Pastoral*. Uruguaiana: [s.n.], 1917., p. 1.

¹¹ Idem.

¹² PIMENTA, Monsenhor Dom Silvério Gomes. *Carta Pastoral*. [s.n.t.] p. 2.

¹³ GONÇALVES, Dom Alberto José. *Carta Pastoral do Bispo de Ribeirão Preto - 1916*. [s.n.t.]

¹⁴ MAZZAROTTO, Dom Antônio. *Carta Pastoral de D. Antônio Mazzarotto: Bispo de Ponta Grossa. A magia espírica*.s.n.t.

que ousava afrontar o corpo místico de Cristo está no devocionário do período. Desde Leão XIII, ao final da celebração da missa, eram prescritas orações em que se invocava a intervenção de São Miguel Arcanjo a fim de que inimigo fosse precipitado ao inferno:

“São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, sede nossa guarda contra a maldade e ciladas do demônio. Instante e humildemente pedimos que Deus sobre ele impere; e vós, príncipe da milícia celeste, com o poder divino, precipitai no inferno a Satanás e aos outros espíritos malignos, que vagueiam pelo mundo para perdição das almas.”¹⁵

A intervenção direta do demônio nas religiões mediúnicas, assim aparece em DOM Silvério Gomes Pimenta, no final do século XIX:

“Outra peste é o espiritismo, o qual não mais nem menos do que um culto prestado ao demônio é a invocação de satanás disfarçada com os nomes dos espíritos dos mortos. As almas dos defuntos estão no céu ou no inferno, e de lá não saem para irem acudir e responder aos invocadores. Tampouco virão os anjos bons e bem-aventurados prestar sua intervenção a essas comédias... São os demônios cujo o maior desejo é iludir e perder as almas, os que respondem e acodem às invocações espiritas.”¹⁶

No início do século XX, DOM Alberto José Gonçalves, sobre os fenômenos mediúnicos, reiterava a explicação católica, repetida em inúmeros documentos, segundo a qual, os mesmos poderiam ter explicação natural, científica (aqui estariam elencadas causas como hipnotismo, histeria, sugestão, etc.); poderiam ser frutos de fraudes; ou terem explicação preternaturais, ou seja, atribuídas a forças que excediam às leis da natureza. Se elencava as explicações, segundo o magistério da Igreja, não hierarquizava as possibilidades das mesmas aparecerem como cau-

¹⁵ MISSAL ROMANO COTIDIANO. Bruges: Biblica, 1963, p. 785.

¹⁶ PIMENTA. op.cit. p. 3-4.

sas dos fenômenos mediúnicos. Assim a atuação direta do demônio aparecia com igual possibilidade explicativa que a fraude e as causas naturais. Em relação à atuação direta do demônio, assim posicionava-se DOM Alberto:

“Certo é que, por permissão especial de Deus, um espírito, uma alma ou Ele próprio podem vir se comunicar conosco. Mas este fato extraordinário só poderia ter por fim a revelação de uma grande verdade, que viesse trazer um benefício excepcional à humanidade. Ora, tal não acontece nas sessões espíritas. Deus não é a causa dos fenômenos que nos ocupamos, porque não se coaduna com a sua dignidade e perfeição infinitas pretar-se a cenas verdadeiramente ridículas, heréticas e, por vezes obscenas. (...) Não podem ser as almas dos mortos porque, como já ficou dito, elas estão nos lugares que foram designados por Deus... Não são os bons espíritos ou bons anjos, porque estes, pelo fato de serem bons, são em tudo conformes com a vontade de Deus, e não podem querer coisa diversa daquela que Ele quer. Logo, aqueles fenômenos só podem ser atribuídos aos espíritos maus...”¹⁷

Se a hierarquia reiterava a crença da presença dos espíritos malignos convivendo entre os homens, disseminando maldades e heresias, nota-se, à medida que século XX avança, um cuidado por parte da mesma em relativizar a atuação direta do demônio nas sessões mediúnicas. Esse zelo é contemporâneo a todo um processo de relativização da presença da Igreja em uma sociedade cada vez menos permeada por seus valores e dócil à sua autoridade. Indicativa desta postura é a obra do Padre Júlio Maria¹⁸, na qual o autor tentava dialogar, principalmente, com o saber médico-psiquiátrico. A explicação para os fenômenos mediúnicos são buscadas, antes de mais nada, como ação do hipnotismo e como predisposição histérica. O hipnotismo é considerado

¹⁷ GONÇALVES, Dom Alberto José. op. cit. p. 8-9.

¹⁸ MARIA, Padre Júlio. *Os segredos do espiritismo desvendados e explicados*. Petrópolis: Vozes, 1938.

“o pai do Espiritismo, como seu avô é o magnetismo e os seus ancestrais são os sortilégios e magias dos tempos remotos.”¹⁹ O interessante na obra do Padre Júlio Maria é a sua estreita relação com o saber médico-psiquiátrico formulado na Salpêtrière por Charcot e Janet, que explicavam a histeria a partir de uma fraqueza orgânica no sistema nervoso, que levava à sugestionabilidade do hístico. Para Charcot essa sugestionabilidade, de raiz orgânica é que explicava o sucesso do hipnotismo entre os hísticos, equiparando hipnose e histeria enquanto fenômenos.²⁰

Assim, para o Padre Júlio Maria a histeria aparecia como o “grande fator, a grande moléstia do hipnotismo; é ela que lhe fornece os sujeitos próprios para serem hipnotizados, e os médiuns próprios para as suas traças ou manifestações do além-túmulo.”²¹

A explicação para o fenômeno mediúnico ancorado na pré-disposição hística é retomada por vários outros membros da hierarquia católica como o Padre Álvaro Negromonte²², o Padre Vicente Zioni²³, e Frei Boaventura Kloppenburg.²⁴

Frei Boaventura Kloppenburg foi o religioso mais atuante no ataque católico às religiões mediúnicas no Brasil, sobretudo na década de 1950. Será o nome chave com quem a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil contará. Seja através dos livros e artigos que escrevia, seja através das conferências realizadas em todo o Brasil, que reuniam multidões ávidas de descobrirem os segredos do Espiritismo e da Umbanda. O Frei será a peça-chave do órgão que coordenava a luta católica em favor da preservação da ortodoxia: o Secretariado Nacional em Defesa da Fé, fundada em 1939 na Arquidiocese do Rio de Janeiro e absorvida na estrutura interna da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fundada em 1951.

Kloppenburg aprofunda o diálogo entre o discurso católico e as ciências, sendo freqüente em suas obras, não apenas recorrência ao

¹⁹ Idem, p. 23.

²⁰ ALEXANDER, F. G.; SELESNICK, S. T. *História da psiquiatria*. São Paulo: IBRASA, 1968, p. 231-2234.

²¹ MARIA, Padre Júlio. op.cit., p. 47.

²² NEGROMONTE, Padre Álvaro. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Editora Santa Maria, 1949.

²³ ZIONI, Padre Vicente. op. cit.

²⁴ KOPPLENBURG, Frei BBoaventura. (1953, 1954, 1957, 1961)

saber médico-psiquiátrico, como também ao jurídico e ao sociológico. Em outubro de 1953, Kloppenburg elaborou uma pesquisa entre psiquiatras do Rio de Janeiro, cujo objetivo era ouvi-los em relação aos fenômenos mediúnicos. Nessa ocasião os psiquiatras foram interrogados em relação aos seguintes pontos:

1 - “É, sob o ponto de vista psicológico e médico, aconselhável promover o desenvolvimento das faculdades ‘mediúnicas’ e provocar ‘fenômenos espíritas’?”.

2 - O médium, ainda mais o ‘desenvolvido’, pode ser considerado tipo normal e são?

3 - Que pensa V.Sa. da prática popularizada de Centros Espíritas com a supra-indicada e prescrita finalidade?

4 - Que idéia faz V. Sa. do Espiritismo como fator de loucura e de outras perturbações patológicas e nervosas?

5 - É conveniente ou até urgente uma medida pública de profilaxia contra a proliferação de Centros Espíritas, como nocivos à saúde pública?”²⁵

Tendo em vista o público alvo da pesquisa e o teor das perguntas, era de se esperar o conteúdo das respostas apresentadas. Nas quatorze repostas apresentadas os fenômenos mediúnicos são vistos como evidências do estado patológico em que se encontrava boa parte da capital federal. Sendo assim, todas as modalidades do Espiritismo são execradas como perniciosas à saúde pública, ratificando o saber médico-psiquiátrico a condenação da Igreja. Os psiquiatras ouvidos apresentam um posicionamento bastante homogêneo, no qual sua oposição às práticas espíritas fundamentam-se na já citada relação entre hipnose e histeria formulada por Charcot. Alves Garcia, por exemplo assim respondeu a Kloppenburg sobre o perfil médico do médium:

“...tornam-se médiuns autênticos os neuróticos de certa classe, - histéricos e obsessivos, que possuem suficiente sugestionabilidade para crer e deixarem-se induzir; e certos dons volúntarios, para resistirem às práticas monótonas e exaustivas, ensinamentos e execução do ritual espírita. Os doentes que tenham uma psicose manifesta ou la-

²⁵ KOPPLENBURG. *op. cit.* p. 74.

tente deixam-se identificar como tais e não levam a termo o 'desenvolvimento'; todavia, o seu delírio toma o colorido e a linguagem ou gíria espiritista do candomblé ou macumba."²⁶

Na mesma direção apontam as palavras de Afrânio Peixoto transcritas por Kloppenburg, nas quais a relação hipnose-histeria assim aparece:

"O Espiritismo é a interpretação sistemática e sobrenatural de fatos naturais uns, outros fraudulentos, fraude subsciente e, portanto, inconsciente às vezes, outras perfeitamente consciente, mais ou menos hábil, capaz de inbaír aos estudiosos mais prevenidos. Nos médiuns sinceros há realidade e fraude subsciente, pois que a mediunidade é uma auto-hipnotização sob as tendências crentes da vigília. (...)".

Da minha observação conclui que os centros espíritas do Rio de Janeiro eram laboratórios de histeria coletiva que, se deleitam crédulos e crentes com a supostas evidência das belas sessões, podem ir ao crime, no baixo espiritismo popular, ao crime e ao hospício, outras vezes..."²⁷

Embora a intervenção direta do demônio (possessão) não fosse afastada, as artes diabólicas ficavam cada vez mais lateralizadas como explicação da fenomenologia mediúnica no discurso da hierarquia católica. Em Kloppenburg, o porta-voz principal da Igreja brasileira a respeito do assunto, a explicação demonológica cede lugar ao saber médico psiquiátrico. A obra de Kloppenburg nos anos cinquenta evidencia, igualmente, um novo inimigo, contra o qual prescrevia um novo tipo de exorcismo. Esse inimigo era identificado no "atraso", na situação de indigência material e cultural em que estavam mergulhadas extensas camadas da população brasileira. Em uma conjuntura em que o projeto nacional-desenvolvimentista seduzia boa parte da elite pensante brasileira,

²⁶ Idem, p. 75.

²⁷ Idem, p. 87-88.

Kloppenburger propunha a extirpação da miséria, a extensão da educação e da assistência religiosa, como únicas saídas capazes de livrarem o brasileiro de um caldo de cultura marcadamente patológico e favorecedor da proliferação das práticas mediúnicas.

Referências bibliográficas

PIO XII. Normas aos participantes do II Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos. *Revista Eclesiástica Brasileira*. 17(4): 1060, dez., 1957.

LEME, Dom Sebastião. *Carta Pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1916. p. 47.

ZIONI, Padre Vicente. *O problema espírita no Brasil*. São Paulo: Publicações Verba Salutis, 1942, p. 47.

CONSTITUIÇÕES ECLESIASTICAS DO BRASIL. *Nova edição da Pastoral Coletiva de 1915*.

EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Actas y decretos del Concilio Plenário de la América Latina*. Roma.

MISSAL ROMANO COTIDIANO. Bruges: Bíblica, 1963.

MARIA, Padre Júlio. *Os segredos do espiritismo desvendados e explicados*. Petrópolis: Vozes, 1938.

ALEXANDER, F. G.; SELESNICK, S. T. *História da psiquiatria*. São Paulo: IBRASA, 1968.

NEGROMONTE, Padre Álvaro. *O que é o espiritismo*. Rio de Janeiro: Editora Santa Maria, 1949.

KOPPLENBURG, Frei Boaventura *Material para instruções sobre a heresia espírita*. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Vozes, 1953.

KOPPLENBURG, Frei Boaventura *Resposta aos espíritas*. Rio de Janeiro-São Paulo: Vozes, 1954.

KOPPLENBURG, Frei Boaventura *Livro negro da evocação dos espíritos*. Petrópolis: Secretariado Nacional de Defesa da Fé-Editora Vozes, 1957.

KOPPLENBURG, Frei Boaventura *A Umbanda no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1961.